

APRESENTAÇÃO:

A Difícil Tarefa de Apreciar o Feio e o Ruim – o Retorno

PRESENTATION: THE HARD TASK OF APPRECIATE THE UGLY AND THE BAD – THE RETURN

Gianfranco Marchi¹ e Nelson Marques²



Ao fazer a apresentação do dossiê “Uma Antropossociologia de Filmes Não-Recomendáveis” (Cronos 19.1) discutimos a dificuldade de se comentar o que é feio e ruim em contraponto à facilidade, até socialmente valorizada, de destacar o belo, o positivo, o bom, o melhor, ou os melhores!

Seja em termos educacionais, ou mesmo sociais, somos “treinados” para falar bem do bonito, do belo e do bom. Mas não somos igualmente treinados para falar bem do feio e do ruim e pior. Essa dificuldade pode ser confirmada também nesta introdução à segunda parte do dossiê.

Este segundo número traz um ensaio sobre o gênero horror e mais dois artigos alinhavando críticas sobre cinco diferentes filmes de diferentes gêneros. Tiago, em seu ensaio, nos chama a atenção para

a “facilidade” de se encontrar no gênero horror filmes considerados ruins. Na verdade, os bons filmes de horror constituem um universo muito pequeno dentro deste nicho. É inegável que o estigma da “ruindade” cerca o horror.

Mas a fama se justifica? Bem, sim e não. Muitas vezes os espectadores confundem precariedade dos aspectos técnicos de um longa com suas sensibilidades estéticas e temáticas. Há sim filmes de horror muito bons que o grande público reputa como ruins, injustamente. Mas há aqueles realmente que deixam um gosto intragável na boca, sem nenhuma qualidade que os redima do inferno da sétima arte. Entretanto, a ruindade no cinema não discrimina. Vai do horror até mesmo aos tidos mais sérios, de “arte”.

¹ Bacharel em Direito pela UFRN. Funcionário Público Estadual (TJ-RN). Membro do Cineclube Natal e ACCiRN (Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte). Cinéfilo inveterado, editou, escreveu e colaborou em diversos livros sobre cinema: *Cenas Brasileiras* (EDUFRN, 2009), *80 Cult Movies Essenciais* (EDUFRN, 2010) e *Sessão Dupla* (EDUFRN, 2016).

² Bacharel e licenciado em Ciências Biológicas (USP). Professor Doutor aposentado da FMUSP, ex-prof colaborador voluntário da UFRN. Produtor cultural, fundador e atual presidente do Cineclube Natal. Idealizador, fundador e organizador do festival de cinema Goiamum Audiovisual (RN), organizador do FINC - Festival Internacional de Cinema de Baía Formosa (RN). Organizador e vice-presidente da ACCiRN - Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte. Editou, escreveu e colaborou em diversos livros sobre cinema: *Brasil em Tela Cinema e Poéticas do Social* (Editora Sulina, 2008), *Cenas Brasileiras* (EDUFRN, 2009), *80 Cult Movies Essenciais* (EDUFRN, 2010), *Sessão Dupla* (EDUFRN, 2016), *Claquete Potiguar: Experiências Audiovisuais no Rio Grande do Norte* (Máquina, 2016).

Nesse contexto, o artigo de Igor engloba num texto único características comuns de 3 filmes de épocas e gêneros diferentes. O mesmo acontece com o artigo de Gianfranco, que ao abordar os filmes “Elektra” e “Mulhergato”, traça um perfil do que há de pior nas produções de super-heróis.

Interessante notar que muitas vezes perdoamos um filme ruim quando seus produtores não possuíam um grande orçamento para suas ideias, ou mesmo quando não se levam a sério. Essa benevolência não se aplica a filmes Hollywoodianos que parecem fazer um genuíno esforço para serem ruins, a despeito de serem produções milionárias.

Mas o fato é que todo cinéfilo tem aquele filme que adora odiar, não é? Assistir a uma produção ruim, por incrível que pareça, pode ser uma experiência curiosa, vez que aguça nossa percepção objetiva, ou mesmo pessoal, sobre o que funciona ou não no cinema, em suas variadas manifestações.

Com essa perspectiva, boa leitura.